

DISCURSO DE POSSE (*)

Itamar Espíndola

Laudare dignos honesta actio est.

(Louvar os homens dignos é ação nobre)

Esta noite é de louvores. Mas, antes de louvar os homens, quero louvar a Deus, Ser necessário, Senhor absoluto de todas as criaturas do Universo.

A Ele acurvo-me em ato inicial de agradecimento pelas benesses todas recebidas nas caminhadas de minha existência.

— Nesta mesma sala, atuei como taquígrafo único da Assembléia Constituinte do Ceará, nos longes de 1935. Apanhei discursos de Paulo Sarasate, Dário Correia Lima, Ubirajara Índio do Ceará e outros bons deputados, à época do governo Meneses Pimentel, um dos homens dignos do Ceará, cuja memória deveria ser mais reverenciada, para sermos fiéis à justiça e ao reconhecimento.

Dário, ótimo retor e esclarecido jurista, duelava com Sarasate em recontros jurídicos, acerca de problemas variegados, máxime atinentes a Direito Constitucional. Disso fui beneficiário muito jovem, ainda acadêmico de Direito.

Quarenta e sete anos depois, retorno a este mesmo recinto. Agora, na qualidade honrosa de sócio titular da mais antiga Academia do Brasil, fundada nos idos de 15 de agosto de 1894. Dentro de 12 anos, estaremos todos comemorando-lhe o primeiro centenário de nascimento, sob a aprovação da comunidade do Ceará.

* Pronunciado em 10 de setembro de 1982.

MEUS PAIS — Dos genitores somos resultado no campo somático e na área da psique. Geram-nos o corpo, em ato de amor recíproco, formam-nos o espírito, em ato de empatia.

Por terem sido partícipes e construtores de meus bons êxitos, meus pais não podem ser esquecidos nesta noite de alegria. Faleceram, porém continuam vivos na lembrança dos seus. Porque “**Vita mutatur non tollitur**” (A vida não se extingue, transforma-se). Vêem agora o sonhado em vida: Deus, na infinita misericórdia de todos os tempos.

José Eduardo Espíndola, meu genitor, era de Pacatuba, terra de Artur Eduardo Benevides, Carlos Eduardo Benevides, Joaquim Eduardo de Alencar, Antônio Pádua Campos, Maria Lúcia e Rita de Albuquerque Campos, Eduardo Campos, este mais precisamente de Guaiúba, José Valdivino de Carvalho e Antônio Galeno da Costa e Silva, pai de Nenzinha Galeno e de Alberto Galeno. Engenheiro Agrônomo da segunda turma da Escola de Agronomia do Ceará e funcionário público do Estado, foi exator de Rendas em Maranguape e Sobral; Oficial de Gabinete do Secretário da Fazenda; membro da Junta Executiva Regional de Estatística; e Diretor da Despesa do Tesouro. Alcançou o segundo escalão do governo, em altas funções, entre elas a de Diretor da Recebedoria do Estado, duas vezes, uma no Governo Matos Peixoto, outra no de Menezes Pimentel. Sua vida teve como supedâneos a diligência, o perfeito conhecimento de seu mister e a probidade.

Francisca Creuza de Santiago Espíndola, minha mãe, professora primária do Estado, dificilmente será vencida na dedicação e na capacidade de construir bem o lar. Forte e intemerata, não se desviou dos deveres. Continua viva na saudade dos descendentes, para roborar as palavras do poeta Judas Isgorogota:

“Sofrerás, sendo mãe; mas a mais linda
Consolação do alto dos céus terás:
— Viverás noutras vidas e, mais ainda,
Mesmo depois da morte viverás.”

Sem dúvida, Creuza foi selo autêntico de luz e bondade em minha rota. Ainda hoje tal como o antístite Ramon Jara,

daria eu tudo para “vê-la de novo, para dela receber um só abraço, para escutar de seus lábios uma só palavra.”

X X X X X

TARDANÇA. Talvez para agradar-me, amigos me disseram: “Você devia ter entrado há mais tempo na Academia Cearense de Letras.”

— Não, respondi-lhes. Ingresso na época adequada.

A idade do intelectual não se rege pelas normas biológicas, mas pela capacidade criadora. O espírito não entra em decadência. Como lembra o historiador Hugo Catunda, “O deslumbramento do mundo, o encanto de viver e sentir a juventude perene do espírito, tanto pode estar na aurora de Byron, na adolescência de Castro Alves, quanto no sorriso sarcástico do velho Voltaire, na exuberância de Rui octagenário, como no ocaso esportivo e alegre de Bernardo Shaw. Uns e outros viveram, por igual, na mocidade e na anciania, a plenitude jovem do ideal”.

Cada faixa tem missão específica a realizar. Sempre fui observante do apotegma muito antigo: “Devagar porque tenho pressa.”

Outrora, a evolução se processava de modo lento. Atendia-se à lei de ascensionalidade graduada. Buscava-se subir ordenadamente os degraus da escada da vida, de acordo com a capacidade pessoal e o poder realizador.

Hoje, quase todos pugnam, em luta indiscriminada, alterar-se à custa da lisonja, de curvaturas vertebrais, fora da dignidade. Ninguém quer demora, sacrifício. A ascensão deverá ocorrer a qualquer preço, em alta velocidade, rompendo o sinal vermelho ou a barreira do som. Daí o advento até de perturbações no psicossomático, pois rompe-se o equilíbrio da Natureza.

Lembra Mário Gonçalves Viana, em OS ULTRA-APRESSADOS, no “Diário de Coimbra”, de 20.4.1960:

“É legítimo querer melhorar de condição e subir na escala profissional e social; mas para esse desejo não se tornar fonte de mal-estar, de inquietação e de desordem, importa a

cada um procurar, ascender pelos méritos, sem atropelar ninguém; pelo esforço próprio e trabalho honrado, sem nervosismo, sem pressa ou alucinação, sem má-fé, sem desespero, sem injustiça e sem rancor.

A precipitação, o dinamismo febricitante, disfarçam, quase sempre, a incapacidade, a malícia e a preguiça. Constituem expressões de desajustamento, de ambição ilegítima e de iniquidade clamorosa.

Nenhuma sociedade bem estruturada e organizada pode subsistir com base em tais sentimentos e aventuras. O lema a adotar deve ser: “A cada um o que é devido pelos méritos e capacidade, mas só no momento próprio, quando o indivíduo atingir maturidade efetiva, intelectual, moral e profissional.”

A mim se me antolha não haver turbado a via de outros. Meu ingresso neste sodalício se efetiva com a aquiescência de todos os confrades, **nemine discrepando**, circunstância muito cara ao meu espírito. Demais sensibilizado, eu lhes dou os melhores agradecimentos, **ab imo pectore**.

O ACADÊMICO RECIPIENTE. Não cause susceptibilidade no ouvido purista a designação “sócio recipiente”. Porque, em verdade, não existe o termo “recipiendo”, tão usado nas associações culturais. Existe “recipiente” (recebedor), seja relativamente a objeto, seja a pessoa, física ou jurídica.

Tivesse eu quebrantado as regras da tempestividade, houvesse eu aqui entrado em época anterior, sem dúvida não teria sido regiamente beneficiado, como o fui nesta noite. Sim, porque recebido estou sendo, neste templo do saber, por um dos maiores e mais autênticos valores morais e intelectuais da terra de Alencar. Professor de Literatura, poeta pré-excelente, jornalista de policultura, voa alto, outrossim, como retor dos melhores. Não posso deixar no oblívio sua magnífica oração na noite de 31 de maio de 1979, no “Auditório Castelo Branco”, quando ali se instalou a Academia Cearense de Retórica. Toda a assembléia, em pé, aplaudiu demoradamente Artur Eduardo Benevides. Oração antológica, na forma, no estilo, no conteúdo e no vernáculo.

A ele também a minha homenagem. Sou-lhe grato pelo paraninfado à minha candidatura nesta corporação e pelas pa-

lavras amabilíssimas, de encômios, ditadas mais por autêntica amizade de primo dileto, menos pelo merecimento do recipiendário.

Como disse com felicidade Júlio Diniz, “há corações como a hera: onde se encostam, prendem-se com as raízes.” Assim é o coração de Artur. Desde jovem, tornou-se inquilino na locação de minha imudável estima.

O PATRONO DA CADEIRA. Devo falar sobre o patrono da cadeira 29, Desembargador Paulino Nogueira Borges da Fonseca, nascido em Fortaleza (CE) a 27 de fevereiro de 1842, filho do bem formado casal Francisco Xavier Nogueira e Maria das Graças Nogueira. Se ainda vivo, estaria com um século e quarenta anos.

Fez o curso secundário no velho Liceu Cearense. Na cidade do Recife, ingressou na Faculdade de Direito a 21 de março de 1861 e recebeu o título de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, às 13 horas de 22 de dezembro de 1865. Ainda acadêmico quintanista, fundou e dirigiu o periódico A CRENÇA.

No dia 6 de janeiro de 1866, retornou ao Ceará em navio da Companhia Pernambucana. Chegou à tarde de 11 do mesmo mês. Dez dias depois, ingressou na advocacia. Ao mesmo tempo, dado o seu grande dinamismo e o gosto pela imprensa, passou a trabalhar no jornal A CONSTITUIÇÃO, do qual foi um dos redatores.

Nesse mesmo ano, conseguiu ser nomeado Promotor de Justiça de Saboeiro. De lá passou a servir na Secretaria do Governo, no cargo de Oficial-Maior.

Agraciado foi em dezembro de 1871, com o grau da Ordem de Cristo, por relevantes serviços ao ensino, inclusive por ter abolido o uso da palmatória e dos castigos corporais.

Integrou a política dos conservadores, e esta definição partidária lhe valeu a eleição, pelo 2º Distrito de Fortaleza, em 1872, para a Câmara dos Deputados, onde compôs a Mesa Diretora, como Secretário. Reeleito para o período de 1876-1879, foi surpreendido pela dissolução desse órgão, obtida pelos liberais, chamados ao Poder a 5 de janeiro de 1878. Nessa

época, já era lente (professor) de latim do Liceu do Ceará e ocupava o 3º lugar na lista dos vice-presidentes.

Em 1874, quando se punha em execução a lei reformadora do ensino secundário, fixadora da validade dos exames preparatórios feitos nas províncias, visando à matrícula nos cursos superiores, recebeu a nomeação de Delegado Especial, neste Estado. Esse cargo, segundo João Alfredo, Ministro do Império, era confiado somente a pessoas de plena integridade moral e reconhecido preparo.

Já estando fora das atividades políticas, recusou, em 1885, o título de Barão de São Paulino. Convidado para o cargo de Presidente do Amazonas e o de Santa Catarina, rejeitou as ofertas.

Dois anos e três meses e meio após o advento da República, Paulino ingressou no segundo grau da magistratura. Foi nomeado Desembargador do Tribunal de Relação do Ceará, hoje Tribunal de Justiça, a 1º de março de 1892, onde permaneceu 16 anos, 3 meses e doze dias, vale dizer, até o seu falecimento.

Exerceu por muito tempo o honroso cargo de Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Fortaleza, agora com 112 anos de existência, completados a 4 de agosto último.

Em sua bibliografia, contam-se 27 trabalhos, entre eles "O Padre Francisco Pinto e a Primeira Catequese dos índios", "Execuções da Pena de Morte no Ceará" e "Vocabulário Indígena em Uso na Província do Ceará, com Explicações Etimológicas, Ortográficas, Topográficas, Históricas, Terapêuticas etc.", publicados, respectivamente, nos anos de 1904, 1894 e 1874, na "Revista do Instituto do Ceará".

Outro trabalho seu de valia é "Execução de Pinto Madeira Perante a História", na "Revista do Instituto Histórico Brasileiro", tomo 50, 1ª parte.

Mesmo não sendo "expert" em tupi, sua grande bagagem de conhecimentos sobre a matéria ensejou-lhe apresentar ótimo trabalho, para a época e o meio. Sem dúvida, desacerto ali são encontrados, mas etimologia é assunto de branco. Difícil nele não errar.

Católico de corpo inteiro, agia dentro das regras evangélicas, fiel à transcendência da Fé. Homem simples, tinha o vício de fazer amizades. Faleceu na madrugada de 15 de junho de 1908, nesta cidade. Era sócio efetivo do Instituto do Ceará e correspondente de várias outras entidades, mencionando-se como principais o Instituto Histórico Brasileiro, o Instituto Arqueológico de Pernambuco e a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Sem favor nenhum, merece de todos as mais altas homenagens pelo seu grande valor, sob todos os aspectos. Andou com segurança e prudência, nos caminhos da integridade e da honradez.

Já me encontro num terço deste trabalho. Rezem um terço para eu não sair do texto, senão vocês vão precisar de um quarto..... para repousar.

MEU ANTECESSOR — “A vida é neblina que passa ou flor de campina que embeleza e logo murcha”, já se disse alguns.

Todos pagaremos um dia o tributo à morte. Meu predecessor já solveu há meses esse ônus.

Ex vi de norma estatutária, faço o elogio do General Dr. Carlos Studart Filho.

Na antroponímia, “Carlos” provém do nominativo latino **Cárolus**, e este do alto-alemão antigo Kháral (homem), um dos raros nomes germânicos de um só tema. Há todavia, quem afirme ser abreviatura de **Káral-mann**, com o sentido primitivo de viril, vigoroso. No italiano, deu Carlo, bem difundido graças a São Carlos Borromeu, Bispo e Confessor, um dos mais belos ornamentos da Igreja no século XVI. Studart é sobrenome inglês: guarda (**ward**) de caudalaria (**stud**).

Por pertencer também ao Instituto do Ceará, ali tive ensejo de conhecê-lo de perto, inclusive em testilhas próprias da convivência humana.

Desde moço, ingressou no mundo das letras. Ávido de conhecimentos, militou de modo iterativo no campo da cultura, estudando, escrevendo, ensinando.

Assíduo às rodas de intelectuais, teve como ponto de preferência a antiga Livraria Imperial, de Clóvis Mendes, inte-

grante do prédio do “Excelsior Hotel”. Faziam-lhe companhia Martins de Aguiar, Pedro Sampaio, Raimundo Girão, João de Deus Cavalcante, René Paiva Dreyfuss, Rui Guedis, Antônio Soares, Marco Antônio Forte e outros amantes do saber. Não freqüentei este grupo. Estive presente a outro, a partir de 1973, na calçada do Cine São Luís, quando nova turma se compôs, integrada por Elcias Camurça, Waldemar Machado, Vinícius Ribeiro, os irmãos Edgar, Antônio e Humberto Patrício, Stênio Azevedo e José Sartro.

De logo, percebia-se nele o homem de largos conhecimentos em História. Mais escutante, menos falante, revelava, no entanto, estar **up to date** com os eventos.

Tive oportunidade de fazer-lhe a fisionomia ou psicognomia, isto é, o retrato psicológico, mediante o estudo dos caracteres do rosto e da cabeça, analisados, inclusive em fotografias.

Muitos não crêem em estudos desta natureza. Mas, homens ilustres lhe deram crédito, como o fisionomista Hipócrates. Na escola de Pitágoras, não se admitia aluno senão depois de ser apreciado sob esse ângulo, para verificação das aptidões. Também Porta, da escola de Aristóteles; Lavater, filósofo, poeta e teólogo protestante; assim como Gall, renomeado médico alemão.

Instintivamente, queremos penetrar os segredos alheios, descobrir o íntimo do outro. E um dos processos para tanto acha-se na Psicognomia, cujo maior fim é calcular a interação das tendências. Constitui a parte mais rica da psicologia pedagógica individual.

De acordo com as suas regras, pode-se, por exemplo, dizer: o portador de fronte arqueada na parte superior não tem senso prático. As arcadas sobreciliares pouco salientes e o espaço entre as duas sobranceiras e a base do nariz em depressão indicam ausência de capacidade de observação e de senso real. O nariz romano, em curva, sinala capacidade executiva. O queixo muito proeminente demonstra obstinação e apetite exagerado. As orelhas em forma de abano indicam o bom ouvinte, quase sempre livre de surdez. As narinas muito abertas demonstram boa capacidade respiratória. Os lábios

grossos demais são índice de sensualidade. Fronte quadrangular, angulosa, aponta frieza, insensibilidade. Lábios delicados com a parte vermelha muito visível comprovam afeição e afabilidade; quanto menos aparecer a mucosa vermelha, tanto mais frieza. Boca em forma de coração denota tendências femininas.

A mulher de nariz grande gosta de tarefas próprias do homem. Costuma resolver os problemas sem consultar os outros. **Rempli de soi même**, não tem apreço ao marido.

As sobrancelhas retas e densas revelam energia física e mental; arqueadas, fraqueza e ternura. Quanto mais próximas dos olhos, mais sagacidade, autodomínio e teimosia. Quanto mais afastadas, mais leviandade e impulsividade.

Não se confie em pessoa com sobrancelhas muito afastadas dos olhos. Pena seja difícil fazer essa apuração nas mulheres, pois a grande maioria raspa estes adornos naturais.

“Os olhos são o espelho da mente”. Baixos, constituem sinal de vergonha; brilhantes, alegria; fundos, enfermidade ou preocupação.

A essência do corpo está no rosto e a essência do rosto mora nos olhos. Nos honestos, o olho mostra-se claro; nos desonestos, apresenta-se sem brilho.

O olhar baixo — diz Jong Suk Yum, no seu livro “Fisiognomonía”, a ser lançado dentro de meses — é grande sinal de benevolência. Mas, quando a pessoa usa os olhos sempre para baixo e, ao mesmo tempo, os movimenta para a esquerda e a direita, denota astúcia e deslealdade.

A fisiognomonía pode ser auxiliada pelo estudo da voz. Por exemplo: voz **fraca**, com eliminação do final das palavras, sinala covardia; **melodiosa**, caráter romântico; **desregulada no tom e no ritmo**, imprudência; **cheia e sem hesitação**, coragem; **aguda** como de criança, caráter ainda não formado; **muito ruidosa**, impolidez e falta de educação; voz **de mulher, semelhante à do homem**, masculinidade; voz de homem, **sendo fina**, feminilidade; **relutante e comedida**, espírito de dúvida.

Nos homens de baixa estatura, em geral a voz é muito alta. Significa desejo de afirmar-se, para compensar a falta de tamanho normal.

Sob a ótica da Psicognomia, obtive em Carlos Studart este resumido retrato psicológico: dotado de boa mobilidade e curiosidade mentais. Sujeito a desânimo. Era-lhe fácil o escrever, mas não o falar. Idéias bem encadeadas, com o emprego do método dedutivo. Perfeccionista e exigente. De humor instável, mudava-se facilmente do estado de afabilidade para o de irritação, sobretudo quando ofendido ou contrariado. O acesso de mau humor cedia após relativa duração. Não fácil de ser compreendido, mesmo pelos íntimos. Fácil de atritar-se. Tinha necessidade de comunicar-se, mas sabia guardar o interior, mesmo em relação aos mais chegados. Forte vocação para a pesquisa. Intelectualizava os sentimentos. Desconfiado e susceptível. De percepção desenvolvida. Gostava de ser apreçado. Independente, apesar de um tanto sugestionável. Discernia bem, mas demorava nos atos decisórios.

Qual o valor de Carlos Studart Filho?

Seu nome não cairá no olvidamento desta geração nem das porvindouras, tão bom foi o trabalho deste fiel militante da História. Fica no esquecimento apenas quem nasceu mas viveu como se nascido não houvera. Cumpriu ele, **à merveille**, a missão do homem de letras

Os títulos, conquistou-os à custa do talento e da cultura. Incursionou noutros campos, Medicina, Magistério, Jornalismo, Antropologia, Crítica Literária, Genealogia, Sociologia e Religião.

Faleceu nesta Capital, na Rua José Lourenço, nº 1891, para onde se mudara em data recente.

Tenho haver sido a causa mediata de sua morte a mudança da residência. Habitado em casa tipo antigo, na Rua da Assunção, 136, adquirida por herança do pai, viu-a desapropriada por interesse público. Este ato causou-lhe assás tristeza, quase amargura.

A maioria dos idosos, quase a totalidade, cristaliza os hábitos. Tal como o gato, dá carinho especial aos cantos costumeiros. Deles não gosta de sair, salvo violentando a natureza. E Carlos teve de morar em imóvel impróprio ao homem de sua faixa etária.

O cérebro é comparado a computador sob o controle do binômio consciente-inconsciente, sendo nove décimos inconscientes. Programa segundo os informes recebidos, bons, regulares ou maus.

A idéia de vida sem a manutenção do ritual dos hábitos diários é custosa ao idoso. O sistema nervoso vai somatizando as insatisfações, os desajustes. A iteração conduzirá a perda da homeostasia, vale dizer, a conservação das constantes fisiológicas do organismo. Daí para o finamento a distância é muito curta.

A Medicina comportamental já demonstrou a conexão entre o estado emotivo e a enfermidade. As emoções detonam fatores atacantes do cérebro e do sistema endócrino. Porém, sendo repetidas e intensas as agressões, a saúde padecerá dano.

Filho do farmacêutico, Carlos Studart — inventor do afa-
mado “Leite de Colônia” — e de Maria Pereira Studart, meu
predecessor nasceu em Fortaleza a 17 de junho de 1893 e fale-
ceu a 6 de abril de 1982, quando se distanciava apenas dois
meses e 11 dias para 89 anos bem vividos.

De sua primeira esposa, Neusa da Costa Studart, houve
sete filhos: Maria Belatriz, casada com o Dr. Alvaro Sinésio de
Lima; Cinires Elfe, casada com o Dr. Hélio Stamile; Carlos Her-
ber, casado com Maria Alice Firpo Sampaio; Marcelo José,
falecido aos 10 meses; Marcelo Gládio, casado com Maria Fiú-
za Rocha; Ênio Druzo da Costa Studart, casado com Lélia
Peixoto Pires; e Astenilde Margarida, casada com o Major-
Aviador Jonas Alves Corrêa. Em segundas núpcias, casou-se
com a distinta senhora Teresa Linhares, alta servidora do INPS,
da qual não teve filho.

Fez os primeiros estudos em Manaus (AM), depois em
Quixadá (CE), onde foi aluno dos beneditinos, na Serra do
Estêvão. Estudou também na Suíça, no Colégio Aukentaller, e
nesta cidade.

Em 1918, formou-se na antiga Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro, onde apresentou tese, aprovada com o prêmio
Gunning.

Em 1919, ingressou por concurso no Corpo de Saúde do Exército. Deixou-o pouco tempo depois, para integrar o magistério militar.

Lecionou História e Geografia nos Colégios Militares do Ceará e do Rio de Janeiro e na Escola de Cadetes de São Paulo.

Duas vezes, comandou a Escola Preparatória de Fortaleza, ali permanecendo até 1955, quando alcançou o posto de General de Divisão.

Interinamente, regeu a cadeira de Geografia da antiga Escola Normal Pedro II, de Fortaleza.

Colaborou na imprensa desta cidade e na do Rio, assim como em periódicos especializados, “Ceará Médico”, “Revista do Instituto do Ceará” e “Revista da Academia Cearense de Letras”, tendo usado os pseudônimos Carlos Pereira, C. P., Mário Machado, Podestá Ribeiro, T. de Oliveira e L. C. de Castro.

Sócio do Instituto do Ceará, exerceu vários cargos na Diretoria. Tornou-se depois seu Presidente Perpétuo, até a data do trespasse.

Nesta Academia, era titular da cadeira 29, mantida durante meio século e dois anos, havendo sido 1º Vice-Presidente inúmeras vezes. Nesse cargo marcou encontro com a morte.

Integrou outras entidades culturais: Academia Brasileira de História, Instituto Genealógico Brasileiro, Sociedade Brasileira de Geografia e Associação Brasileira de Imprensa. Condecorado com a Medalha de José de Alencar, Mérito Cultural, Abolição, Proclamação da República, Cultural da Universidade Federal do Ceará, Barão de Studart, Marechal Hermes e Militar de Bons Serviços.

Levantaram-lhe a carga bibliográfica as pesquisadoras Maria Conceição de Sousa, do Instituto do Ceará, e Hilzanir Cals de Abreu. O número é elevadíssimo: nada menos de 186 publicações, resultado de meio século de pesquisa de quem se dedicou à ciência em trabalhos diversificados, sugerindo, criticando e ensinando corretamente.

General Dr. Carlos Studart Filho:

Orgulho-me de substituí-lo nesta Casa. A terra lhe tenha sido leve. Deus o haja acolhido bem, dando-lhe o justo prêmio pelo seu fecundo e monacal trabalho, obra de ótimo operário de saber polimático.

ÁREA DE ATUAÇÃO. Quase no final desta fala, vejo-os fadigados. Mas é este um dos tributos da amizade: ouvir, mesmo quando o cansaço dá sinal, escutar a palavra do amigo em sua noite de gala. A natureza humana não consente se prenda o contentamento nascido da vitória. Há de ser partilhado entre os diletos. Porém deveria eu ter observado a lição do autor de um dos livros do Antigo Testamento, a SABEDORIA, capítulo 8, versículo 12: “.....se falo, estarão atentos, mas, se prolongo meu discurso, levarão a mão à boca.”

Perdoem-me por não me haver restado tempo para ser breve... Não pude fugir às determinações estatutárias de falar sobre dois homens de vasta bagagem cultural, o patrono da cadeira 29 e o meu antecessor.

Trago para este templo da ciência e da literatura o ânimo de servir no meu campo de atividades, segundo minha vocação.

Encontro verdadeiro mosaico de valores policrômicos, em alto nível de cultura:

Na Poesia — Artur Eduardo Benevides, Jáder de Carvalho, Otacílio Colares, Carlile Martins e Antônio Girão Barroso.

Na História — Raimundo Girão (o maior historiador vivo do Estado e por muitos anos o será), Mozart Soriano Aderaldo, Abelardo Montenegro, Misael Gomes da Silva, José Denizard Macedo, Sadoc Araújo e Manuel Albano Amora.

Na Prosa — Milton Dias, Nertan Macedo, Clímaco Bezerra, Eduardo Campos, Moreira Campos, Cândida Maria Santiago Galeno e F. S. Nascimento.

No Jornalismo — Luís Sucupira, J. C. Alencar Araripe, Cid Sabóia, Durval Aires e João Jacques Ferreira Lopes.

Na Ciência do Direito — Cláudio Martins, Antônio Martins Filho e Fran Martins.

Na Sociologia — Francisco Alves de Andrade.

Na Ciência Médica — Newton Gonçalves, Lúcio Alcântara e Aderbal Sales.

Na Teoria da Literatura — Pedro Paulo Montenegro, Linhares Filho, Sânzio Azevedo, Carlos Neves d'Alge e Moreira Campos.

Na Lingüística — Valdivino de Carvalho, Rebouças Macambira, Pedro Paulo Montenegro, Florival Seraine e Linhares Filho.

Muitos destes acadêmicos incursionam em mais de um campo: Cláudio Martins (**Poesia e Prosa**), Artur Eduardo Benevides (**Teoria da Literatura**), Sadoc (**Teologia e Filosofia**), Valdivino (**Poesia, Teologia e Filosofia**), Eduardo Campos (**Teatro e no Jornalismo**), Carlos D'Alge (**Poesia**), Sucupira (**História e Sociologia**), Cid (**Direito e Poesia**), Araripe (**História**), João Jacques (**Prosa e Trovas**), Francisco Alves (**Ciências Agrárias e Poesia**), Rebouças Macambira e Albano Amora (**Poesia**), Florival Seraine (**Ciência Médica**), Otacílio Colares (**Prosa**) e Pedro Paulo Montenegro e Linhares Filho (**Lingüística**).

Um esclarecimento se impõe aos estranhos ao quadro desta Academia. Ela não cuida apenas de Literatura, **stricto sensu**, isto é, a arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. Por feliz iniciativa de nosso **batonnier** Cláudio Martins, os Estatutos deste sodalício sofreram alteração. Desde 1976, o artigo 1º prescreve ser finalidade sua “o cultivo e desenvolvimento da Literatura, assim como a produção científica, em forma de ensaio ou trabalho.”

O passado também já demonstrou a convivência, aqui, dos literatos padres Francisco Valdivino Nogueira, Antônio Tomás, Antônio Sales, Leonardo Mota, Filgueiras Lima e Cruz Filho, ao lado dos cientistas Tomás Pompeu Sobrinho, Martins de Aguiar, Leite Maranhão, Farias Brito, Heráclito Graça e Renato Braga.

Onde me vou inserir?

Desde jovem, sou vocacionado para os estudos médicos. No tempo próprio, não havia, em Fortaleza, Faculdade de Medicina, e meu pai não tinha condições econômicas para custear-me os estudos superiores fora desta Capital. Nem por isso,

deixei, talvez por compensação, de incursionar na área do Naturalismo, da Psicologia, da Parapsicologia e da Fisiognomonia. Neste agrupamento desejaria atuar nesta casa, sem olvidar o campo filológico. Porém, a este, mais intensamente dedico-me na Academia Cearense da Língua Portuguesa. E todos nós temos de batalhar na defesa do vernáculo, em qualquer segmento social. A língua mãe acha-se desprezada, poluída, maltratada, esquecida, esmulambada, na expressão do mestre Martins de Aguiar.

Em pesquisa demorada, o prof. Nascimento Braga fez o levantamento dos erros de Português nas provas do primeiro vestibular da Universidade deste Estado, em 1981. Uma calamidade!

Alunos escreveram, por exemplo:

“A sim (assim) açassinio (assassínio), capitau (capital), deus nús acuda (Deus nos acuda), houge (hoje), sequisso (sexo), fais (faz), habisoluto (absoluto), leiz (leis), negosso (negócio), socil (sócio), viurva (viúva), olhor (olhou), serebu (cérebro), poderes correlapsos (poderes correlatos), indi-se de inflação (índice de inflação). E estas frases: “O poder executivo é exercido pela câmara dos deputados e veriadores e por membros da assembléia. O poder legislativo é exercido pelos Governadores do Estado e Vice-Governador e pela Assembléia Legislativa”.

A televisão e o rádio — atuantes desprofessores de português da época — estão agora dizendo três **gramos**, e não três **gramas**. Confundem porque se ensina um grama, com o masculino apenas em relação ao numeral.

Ora, da mesma forma como se consentem os dois gêneros para personagem (o ou a personagem); soprano (o ou a soprano); e teiró (o ou a teiró); aceita-se a duplicidade de gêneros para “grama”, quando se trata da milésima parte do quilograma. Portanto, “um grama” ou “uma grama” de sal. São formas permitidas.

Em paralelograma, sim, justifica-se o masculino, mas, esse vocábulo vem de tema em “o”, do grego **parallogramon**. Este último é substantivação do neutro **parallogramos**.

Dizer um grama é violentar a consciência linguística do falante, como diz o mestre Rebouças Macambira.

Aliás, alguns vocabularistas modernos já começam a registrar “grama” com dois gêneros, na hipótese suscitada.

A ignorância sobre o vernáculo faz-me lembrar aquela história no interior do Ceará. A professora primária, redigia requerimentos para as pessoas de pouca instrução. Em geral, dirigia-os ao Exator da cidade ou ao Delegado. Usava “Ilm^o”. Certo dia, apareceu alguém desejando requerimento para o Governador. A professora ficou atrapalhada, sem saber como tratar o Chefe do Executivo. Pediu então auxílio ao Promotor de Justiça. Este escreveu: “Exm^o Sr. Governador”. Espantada, comentou: “Lai vai! Agora não é mais “ilmo” não? Agora é “eismo”?”

Estava eu num dos Cartórios Cíveis desta cidade. A serventuária datilografava um contrato. Em certo momento, perguntou-me: “Doutor, como é esse aumento de aluguel?”. Pensando desejar ela saber como se processava a majoração, respondi-lhe: “Aplica-se o índice da ORTN, fixada pelo Governo”.

— Não, doutor, eu quero saber se “aumento” é com **u** ou com “l”.

Rindo, informei: “Depende. Se for aumento pequeno, baixo, é com “u”. Se for, alto, é com “l”.

Não sei se ela entendeu a pilhéria.

Mesmo estudando muito, tem-se dificuldade em falar bem o português. Imagine estudando pouco, ou não estudando.

Há uma semana, um patrulheiro da língua, o amigo Moacir Teles, indagou: “É cambogó ou combogó? E de onde vem essa palavra? “Não encontro nos dicionários.”

O termo não está nos dicionários, salvo no de Arquitetura Brasileira, de Corono & Lemos, registrado como “combogó” ou “cobogó”, de origem africana. Significa tijolo furado para construir paredes, sem prejuízo da ventilação nem da luz natural.

x x x x x

Antes de finalizar, homenagem mais uma pessoa digna: Cláudio Martins, o Presidente dos Presidentes desta ACADE-

mia de Letras. Com a sua administração, este sodalício agigantou-se, cresceu em prestígio social e nas letras, assistiu ao nascimento de suas potencialidades. A Revista é publicada regularmente, obras de grande valor são reeditadas. Merece registro especial O PÃO, artística e fac-similada edição dos 36 números do famoso periódico dos integrantes da PADARIA ESPIRITUAL, a mais esquipática de todas as agremiações culturais do Ceará, com vida no período de 1892 a 1898. O prefácio é do confrade Sânzio de Azevedo, e o trabalho enriqueceu-se com a colaboração do Magnífico Reitor Paulo Elpídio de Menezes e do ex-Prefeito de Fortaleza, Lúcio Alcântara, nosso companheiro.

Induvidosamente, Cláudio é o novo padeiro espiritual de 1892 e será por muitos anos. Construiu grande edifício cultural no Ceará, servindo-se do equilíbrio, dinamismo e probidade, aliados à experiência de ótimo administrador.

Colegas:

Estou honrado por integrar esta Casa do saber, mas Deus não permita envaidecer-me por adquirir confrades tão ilustres e ilustrados.

Como simples catecúmeno, subo nesta noite festiva o patamar deste vetusto silogeu, à procura do mesmo nível alcançado pelos caros acadêmicos. Queiram receber-me com benignidade. Ponham no esquecimento as minhas deficiências inúmeras e acolham-me a boa vontade de querer servir bem à nossa conceituada e prolígera entidade, cada vez mais grande luzeiro na cultura do Ceará.

Aqui, não me torne hermético, mas exerça perante a comunidade a função de semeador dos conhecimentos hauridos nos mestres, assim devolvendo aos menos experientes as lições colhidas ao longo do meu caminho.

CAROS AMIGOS MEUS:

Estou demais grato e cheio de júbilo pela rica e marcante presença de todos à minha festa de posse, da qual vocês são partícipes estimados. Deus lhes conceda tranqüilidade, saúde e arte de bem viver longamente.

Agora, quero fazer meus os votos simples e cordiais formulados certa vez por brejeiro trovador:

“Deus lhes dê muito dinheiro,
Deus lhes dê muita alegria,
As moedas sejam tantas,
Como pó de serraria.”